

Flor do Carmelo

Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares em Portugal

3ª Série, nº 17 abril 2021



«SE RESSUSCITASTES COM CRISTO, AFEIÇOAI-VOS ÀS COISAS DO ALTO. PORQUE VÓS MORRESTES, E A VOSSA VIDA ESTÁ ESCONDIDA COM CRISTO EM DEUS»

CL 3, 1-3



**Pe Vasco Nuno
Tavares da Costa**

Ordem dos
Carmelitas Descalços

A grande razão da nossa esperança

Celebrámos o dia de Páscoa há uns dias atrás, mas a celebração da ressurreição continua durante todo o tempo pascal. Ela é um facto que aconteceu na história, o facto fundamental do Cristianismo e, portanto, da nossa fé, que veio coroar a obra de Cristo e dar o sentido e a verdadeira dimensão a toda essa obra. A ressurreição foi uma explosão de luz que projectou uma claridade intensa sobre tudo aquilo que Cristo tinha dito e feito e tudo isso começou a ser visto à luz deste fortíssimo farol. Se Cristo, por feliz impossível, não tivesse ressuscitado, não existiria o Cristianismo, não existiria a Igreja; tudo teria desaparecido como um sonho bonito que se tinha dissipado pela violência do fracasso representado pela vida de Cristo. Mas Cristo ressuscitou e tudo foi e é diferente.

Os apóstolos foram as primeiras testemunhas da ressurreição. Foi graças a ela (completada pela vinda do Espírito) que eles sofreram uma transformação completa, de homens medrosos em homens de coragem, sem medo de nada nem de ninguém (Act 2,32).

Tudo o que aconteceu há cerca de dois mil anos continua a acontecer hoje, em e por meio

de cada um de nós, através da nossa vida e do nosso testemunho. Não esqueçamos que as nossas comunidades são Igreja e que esta só será sal e luz se anunciar Cristo ressuscitado, porque só Ele constitui o verdadeiro Sal que dará «sabor» a este mundo, tantas vezes desenxabido, e a verdadeira Luz que iluminará as trevas da violência, da opressão, da exploração, da desonestidade, do desrespeito pela pessoa humana e tantas outras trevas que ameaçam avassalar tudo o que é recto e bom.

O Vaticano II exorta: «Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal de Deus vivo» (LG 38).

O nosso mundo, desencantado por tantas coisas nas quais depositava grandes expectativas e se revelaram incapazes de proporcionar soluções para os mais profundos problemas humanos, precisa de esperança, de uma grande esperança, para além de pequenas esperanças, mais ou menos colmatadas, mas que deixam na boca o sabor do vazio ou incompleto. A ressurreição é a grande «razão» da nossa esperança!...

Abril 2021

- 17 Beato Baptista Mantuano (1447-1516)
- 18 Beata Maria da Encarnação – Barbe Acarie (1566-1618)
- 23 Beata Teresa Maria da Cruz (1846-1910)
- 28 Beata Maria Felícia de Jesus Sacramentado (1925-1959)

Maior 2021

- 16 São Simão Stock (séc. XIII)
- 22 Santa Joaquina de Vedruna (1873-1854)
- 25 Santa Maria Madalena de Pazzi (1566-1607)
- 29 Beata Elias de S. Clemente (1901-1927)

Atividades complementares



Fascinados pela Verdade com(o) Edith Stein. Nos próximos dias 23-25 de abril, os Carmelitas Descalços em Portugal promovem um fim de semana em torno da figura de Edith Stein. Esta atividade, orientada pelo Frei Francisco Maria de São José, proporcionará aos participantes momentos de reflexão e de oração a partir do testemunho de Santa Teresa Benedita da Cruz, mulher marcante do século XX na intelectualidade e na espiritualidade.

Inscrição (10 euros): por e-mail ce@carmelitas.pt ou pelo telefone 255 538 150. IBAN: 0079 0000 2336 0552 1019 4
Nome da conta: OPCDP I Centro



A Ordem dos Carmelitas Descalços, depois das excelentes experiências com a primeira e segunda edições da Escola de Oração que decorreram na Domus Carmeli vai lançar uma nova edição, a terceira, no próximo ano pastoral de 2021-2022. O bom acolhimento a todas as propostas da Escola de Oração mostrou como é importante e necessário oferecer à Igreja esta possibilidade de ensinar e acompanhar os cristãos para que possam delinear itinerários de crescimento na relação com Cristo. A frequência desta Escola de Oração pretende ajudar a intensificar a vida de oração e preparar os seus participantes para serem animadores da pastoral da oração nas comunidades. Para mais informações: www.escoladeoracao.pt

Retiro da Família Carmelita de Fátima



No fim de semana do dia 19 a 21 de março, a família carmelita de Fátima viveu o seu retiro da Quaresma. No espírito da Casa de Comunhão que reúne Irmãs, Frades e Seculares (as duas comunidades), vivemos mais uma experiência marcante para todos nós. Já tivemos Missa e oração de Vésperas presencial para todos os seculares que vivem neste concelho de Ourém. A pregação esteve a cargo do nosso assistente espiritual, o Pe Joaquim Teixeira, que nos guiou para um conhecimento mais familiar de São José, um santo tão querido do Carmelo e que este ano está muito presente em toda a Igreja, por recomendação especial do Papa Francisco.

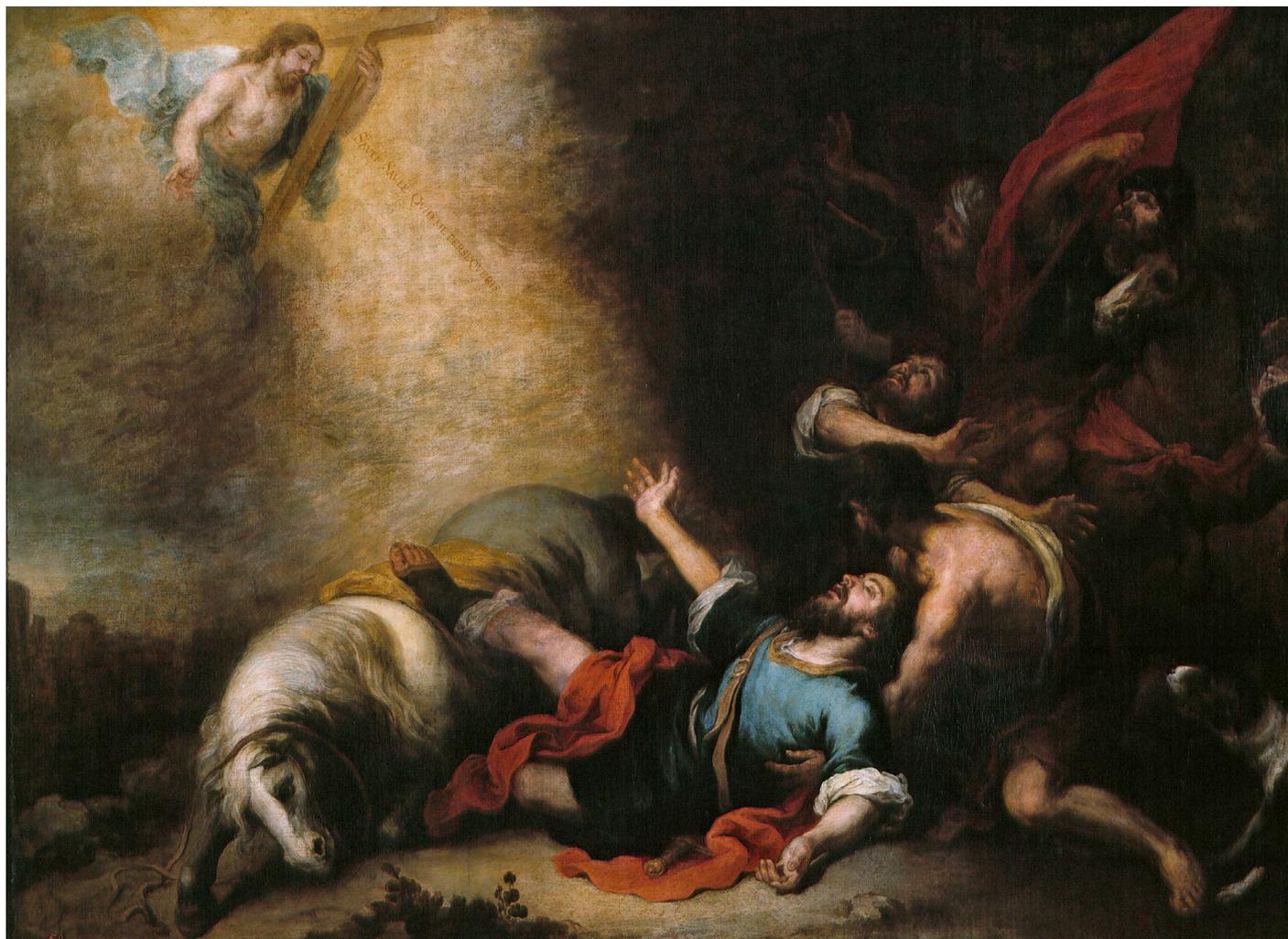
Meditando a Palavra e a carta “Patris Corde” do nosso Papa, o fr. Joaquim centrou-nos na vida e virtudes de São José, ressaltando sobretudo a abertura aos planos de Deus, a disponibilidade

e o serviço silencioso, a sua fortaleza e docilidade que sempre animou este glorioso santo, pai adotivo de Jesus e casto esposo de Maria Imaculada.

Que São José nos acolha, como acolheu Jesus e Maria, na sua casa. Que esta casa inspire o Carmelo, em todos os seus membros e comunidades. E que nós, seculares, possamos ser neste mundo uma luz, no serviço discreto, animado pela constante presença de Jesus. A nossa oração diária e perseverante e a celebração dos sacramentos da Igreja hão-de aproximar-nos cada vez mais de Jesus pelas mãos da Virgem Maria e de S. José. Este retiro animou-nos a percorrermos a reta final da Quaresma a fim de melhor nos prepararmos para a Páscoa de Jesus.

Santa Páscoa florida de Jesus, vivo e ressuscitado entre nós, com São José e com Maria, Flor do Carmelo!

O mais antigo Credo cristão



Na primeira Epístola aos Coríntios, escreve S. Paulo:

«Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. Em último lugar, apareceu-me também a mim, como a um aborto. É que eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado Apóstolo, porque

persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que me foi concedida, não foi estéril. Pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles: não eu, mas a graça de Deus que está comigo» (1 Cor 15, 3-10).

Era provavelmente a Páscoa do ano 57. De Éfeso, na costa da Ásia Menor, S. Paulo está a terminar a sua Primeira Carta aos cristãos da cidade grega de Corinto. No penúltimo capítulo, o apóstolo reevoca um momento distante talvez de uma vintena de anos. Nessa ocasião, aprendeu dos seus mestres na fé cristã – recentemente abraçada, com a experiência traumática no caminho de

Nossa Páscoa

Damasco – um Credo que agora volta a propor aos coríntios.

O primeiro artigo de fé é o da morte de Jesus, uma morte real, selada pela pedra tumular da sepultura, uma morte interpretada como fonte de redenção para a humanidade pecadora («pelos nossos pecados»). Mas Cristo não é apenas uma personagem com morte heróica; com efeito, o segundo artigo de fé proclama a sua ressurreição. Na língua grega em que escreve o apóstolo, há uma curiosa variação da forma verbal, que gostaríamos de dar a perceber àqueles que não conhecem o grego, porque ela tem um significado sugestivo.

No original grego, o morrer de Jesus exprime-se com uma forma verbal que indica um ação ou acontecimento que ocorreu uma vez por todas, fechado na sua realização, como é precisamente a morte. A ressurreição, por seu lado, é definida com outra forma verbal, que em grego designa uma ação ou acontecimento que se prolonga do passado ao presente. É por isso que se pode dizer que Jesus está morto no passado, mas que o Cristo ressuscitado está sempre diante de todos e “aparece”.

As aparições que Paulo elenca são, precisamente, o sinal da contínua presença do Ressuscitado que encontra os seus fiéis. É certo que há as primeiras grandes testemunhas, como Pedro (Cefas) e os doze apóstolos, ou como Tiago, bispo de Jerusalém. Mas há também os «mais de quinhentos» cristãos que tiveram a experiência viva do encontro na fé com o Senhor que vive para sempre. E prosseguindo no tempo, eis também Paulo, o antigo perseguidor, último de todos, semelhante a um «aborto». Esta imagem do «aborto» delineia o sentido de absoluta indignidade que o apóstolo

experimenta em relação a este dom divino, ou seja, o encontro com o Ressuscitado. Mas logo depois emerge uma ideia que será sempre central no pensamento paulino, e que é um elemento de confiança para todos: a graça de Deus é a protagonista que irrompe no nosso vazio, na miséria e no nosso próprio pecado, e faz triunfar a luz, transformando o perseguidor em apóstolo, o pecador em testemunha, o aborto numa pessoa que vive uma intensa e plena existência de amor. Uma página belíssima, esta, que nos faz conhecer o Credo mais antigo dos primeiros cristãos, mas que nos insere também na lista sem fim daqueles que encontraram o Cristo ressuscitado.

Cardeal Gianfranco Ravasi
(Resumido)

https://www.snpcultura.org/o_mais_antigo_credos_cristao.html

*Viver de Amor, é viver da tua vida,
Rei glorioso, delícia dos eleitos.
Tu vives por mim, escondido numa hóstia
Quero esconder-me por Ti, ó Jesus!*

*Viver de amor, é dar sem medida
Sem reclamar salário aqui na terra
Ah! sem contar eu dou-me bem segura
De que, quando se ama, não se conta!*

Santa Teresinha, PN 17

São José, pai na ternura

Nas reflexões sobre a figura de São José partilhadas na Carta Patris corde, o Papa Francisco destacou primeiro o facto de o pai adotivo de Jesus ter sido “sempre amado pelo povo cristão”. O segundo atributo que reproduzimos este mês está intimamente ligado ao primeiro.

José é pai amado, porque é um pai compreensivo que amou e educou o filho na ternura.

A vida de família foi certamente uma experiência fundamental para Jesus. Até entrar na adolescência e afirmar aos pais no Templo que estava na casa do Seu Pai, José e Maria tinham dado conteúdo à sua experiência humana de fé. Ao presenciar a fidelidade do amor entre os pais e as suas preocupações por Ele, viu a

expressão do Amor de Deus. Jesus “viu a ternura de Deus em José.”

«Dia após dia, José via Jesus crescer «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Como o Senhor fez com Israel, assim ele ensinou Jesus a andar, segurando-O pela mão: era para Ele como o pai que levanta o filho contra o seu rosto, inclinava-se

para Ele a fim de Lhe dar de comer (cf. Os 11, 3-4).

Jesus viu a ternura de Deus em José: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem» (Sal 103, 13).

Com certeza, José terá ouvido ressoar na sinagoga, durante a oração dos Salmos, que o Deus de Israel é um Deus de ternura, que é bom para com todos e «a sua ternura repassa todas as suas obras» (Sal 145, 9). A história da salvação realiza-se, «na esperança para além do que se podia esperar» (Rm 4, 18), através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus conta apenas com a nossa parte boa e vitoriosa, quando, na verdade, a maior parte dos seus



desígnios se cumpre através e apesar da nossa fraqueza. Isto mesmo permite a São Paulo dizer: «Para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: “Basta-te a minha graça, porque a

São José, pai amado

força manifesta-se na fraqueza”» (2 Cor 12, 7-9).

Se esta é a perspectiva da economia da salvação, devemos aprender a aceitar, com profunda ternura, a nossa fraqueza.

O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, ao passo que o Espírito trá-la à luz com ternura. A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós. Muitas vezes o dedo em riste e o juízo que fazemos a respeito dos outros são sinal da incapacidade de acolher dentro de nós mesmos a nossa própria fraqueza, a nossa fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do Acusador (cf. Ap 12, 10). Por isso, é importante encontrar a Misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, fazendo uma

experiência de verdade e ternura. Paradoxalmente, também o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Entretanto nós sabemos que a Verdade vinda de Deus não nos condena,

mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos. A Verdade apresenta-se nos sempre como o Pai misericordioso da parábola (cf. Lc 15, 11-32): vem ao nosso encontro, devolve-nos a dignidade, levanta-nos, ordena uma festa para

nós, dando como motivo que «este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (Lc 15, 24).

A vontade de Deus, a sua história e o seu projeto passam também através da angústia de José. Assim ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza. E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão

da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas o olhar d’Ele vê sempre mais longe.»

(continua)



Revista de Espiritualidade

Ano XXIX

n.º 113

Um olhar científico sobre ecologia e espiritualidade
MARGARIDA ZOCCOLI

O ser humano como guardião da criação
ANTÓNIO COUTO

A cura interior para uma ecologia integral
EDUARDO AGOSTA

O perdão e o bem-estar psicológico e social
FÉLIX NETO

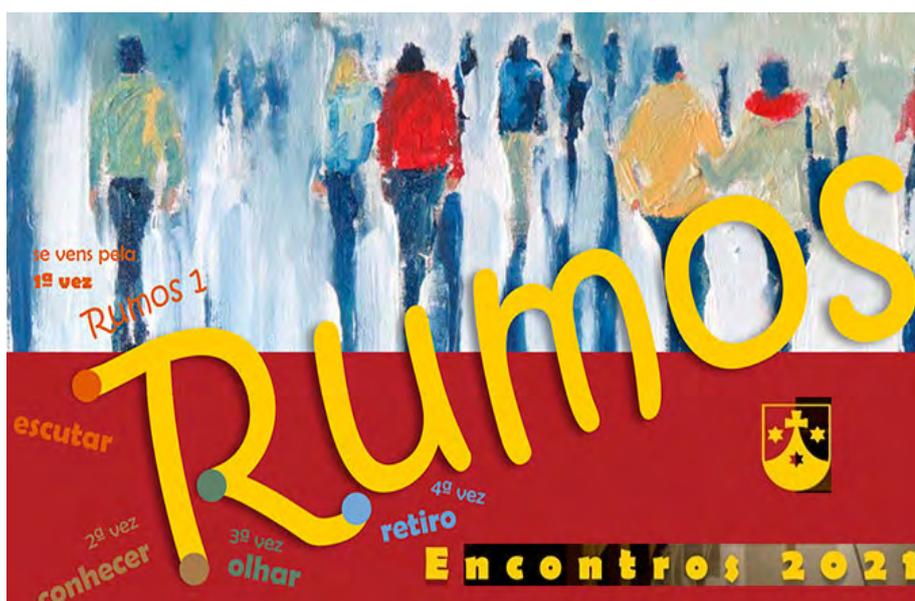
A conversão cristã no caminho da reconciliação
FRANCISCO CAMPOS

São João da Cruz, mestre de ecologia interior
JOÃO REGO

Janeiro - Março
2021

A Revista de Espiritualidade da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal é uma revista científica destinada a todos aqueles que desejam aprofundar os seus conhecimentos na área da Espiritualidade e da Teologia Espiritual, na experiência e doutrina dos grandes místicos e mestres espirituais. Criada em 1991, com quatro números por ano, esta Revista aborda temas sobre as fontes da vida espiritual, os grandes autores – santos, mestres e místicos – e correntes de espiritualidade, bem como áreas da vida cristã, ressaltando as dimensões da interioridade e tendo em conta os diferentes estados e circunstâncias de vida dos seus destinatários. Tem a preocupação de sintonizar e refletir os temas do magistério da Igreja a nível mundial e em Portugal.

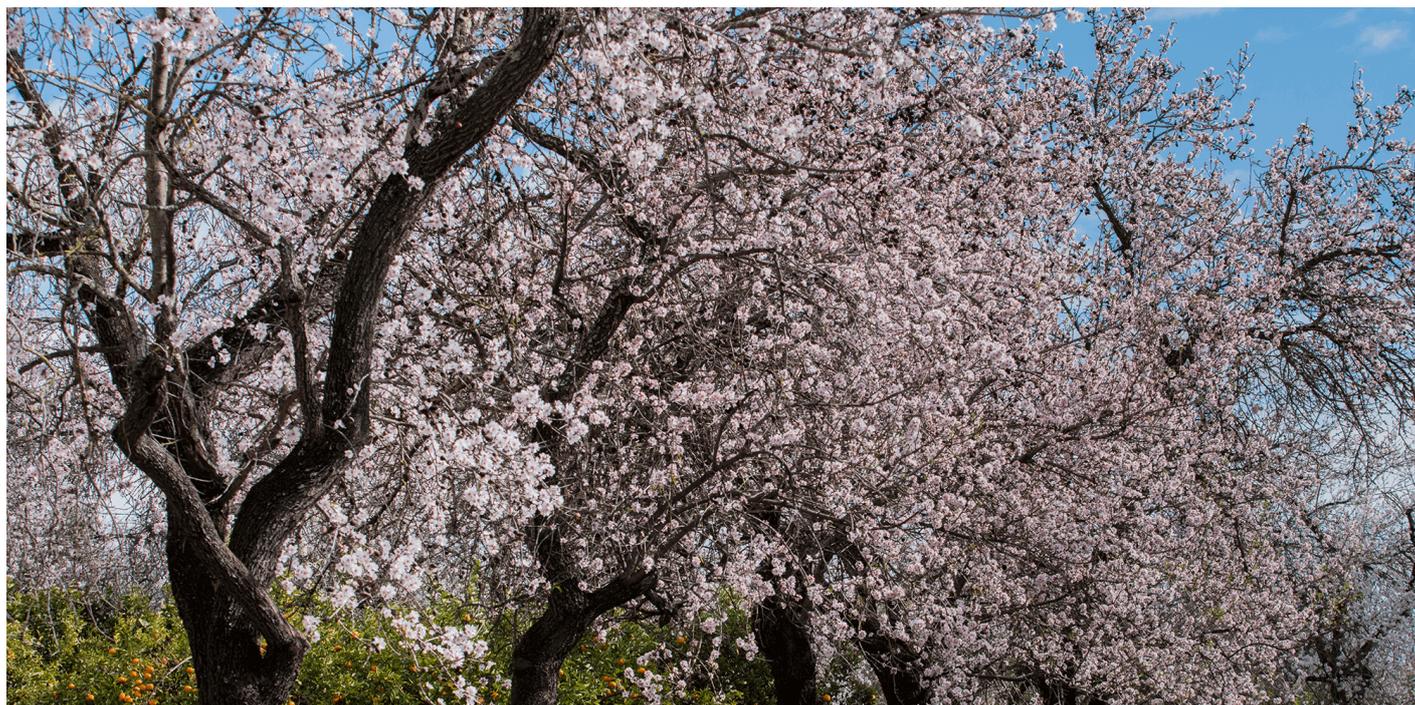
Assinaturas em http://www.carmelo.pt/index.php?route=product/product&path=65_61&product_id=143



Os Carmelitas Descalços vão realizar um novo encontro Rumos de 14 a 16 de maio de 2021, em Fátima. Este evento conta com a participação de jovens em processo de clarificação e opção vocacional. Orientados por uma equipa formada pelos diferentes ramos do Carmelo: dois casais, uma religiosa, um sacerdote e dois animadores, estes jovens poderão desfrutar de

um acompanhamento personalizado, de forma a serem ajudados a ler os sinais que em cada um vão surgindo para uma das grandes vocações: matrimónio, sacerdócio, vida consagrada ou vida laical. Informa <http://vocacoes.carmelitas.pt/>

Mensagem de Páscoa



Queridos carmelitas,

Cantando hinos de louvor, temos vivido estes dias cheios da alegria do Senhor Ressuscitado.

A nossa fé leva-nos ao testemunho da esperança de que o Senhor vive para sempre nos nossos corações.

Como Santa Teresinha, saibamos cantar as misericórdias do Senhor à luz da certeza que nos vem da sua Ressurreição.

A todos e cada um em particular, desejamos uma Santa Páscoa!

Com amizade

P'lo Conselho Nacional

Isabela Neves

Coordenação: Nicole Vareta

Morada: OCDS - Domus Carmeli
R. do Imaculado Coração de Maria 17, 2495-441 Fátima

Página online: www.seculares.carmelitas.pt